

O lugar da imagem técnica na prática pedagógica

Ana Carolina Pereira da Silva Rosa



Pensar no tema desta coluna me leva a dois caminhos: o da pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo em uma escola estadual de Ensino Médio integrado na zona norte do RJ e o da minha profissão como docente regente de turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular na zona sul.

Enquanto o olhar de pesquisadora procura estudar as questões que a escola contemporânea experimenta diante de uma sociedade marcada pela imagem, pelo áudio, pelo movimento e pelos dígitos, o olhar enquanto professora fica cada vez mais inquieto, buscando reelaborar a própria prática a partir das questões surgidas no campo de pesquisa.

Ao entrar em contato com jovens do Ensino Médio, percebo o quanto a imagem técnica (aquela que é produzida) faz parte de seus cotidianos enquanto consumidores e produtores de cultura. Por diversas vezes, vejo esses jovens manipulando fotos em softwares específicos, tirando fotos e colocando-as em blogs e sites de relacionamento, produzindo logomarcas, fazendo animações, criando personagens. Através dessas imagens, esses sujeitos se expressam, se comunicam, se colocam em relação ao mundo. Nesse movimento, esses jovens se tornam ativos

em suas interações, produzindo sentidos enquanto assistem televisão, postam informações e comentários em sites e blogs, participam de fóruns virtuais sobre determinado assunto, constroem seminários para disciplinas em sala, entre outras atividades.



Na medida em que observo as atividades desses jovens e percebo o importante papel da imagem em suas diferentes expressões, questiono a maneira através da qual a imagem aparece no meu próprio planejamento diário e repenso algumas práticas. De fato, romper com o paradigma moderno que coloca o aluno no lugar de receptor passivo é um grande desafio, porque fomos formados sobre essas bases. Assim, tenho questionado se, ao pensar em atividades que envolvam a imagem, tenho tornado possível que os meus alunos, crianças de 6 e 7 anos, considerados por Nicolacci da Costa (2002) “nativos digitais”, possam experimentar o papel de produtores ativos tanto de imagens quanto de sentidos sobre imagens oferecidas na escola.

Pensar sobre essa questão supõe problematizar os vídeos oferecidos em sala e possibilitar dinâmicas que desenvolvam um olhar crítico sobre ele, ao invés de selecionar vídeos que sirvam de modelos ou contenham “exemplos” a serem aprendidos pelos alunos. Supõe continuar possibilitando que as crianças contemplem imagens, mas que elas também possam produzir imagens através de seu próprio olhar (através de pinturas, do computador, de fotografias e de filmagens). Supõe oportunizar situações de debate em que as crianças possam expressar-se em relação às imagens produzidas pelo próprio grupo e em relação a

outras oferecidas, ampliando seus olhares e aprendendo a ouvir diferentes pontos de vista.



Entendendo que o trabalho com imagens, dentro de uma escola contextualizada no âmbito da cibercultura, é um caminho para a valorização do olhar do aluno, do entendimento do conhecimento como construção, da compreensão do sujeito como ativo e produtor de sentido, venho repensando minha prática no sentido de buscar uma postura dialógica e alteritária enquanto docente. Dessa forma, da mesma maneira que percebo a importância da criança construir sua escrita a partir de suas hipóteses e de construir seu pensamento lógico-matemático segundo suas estratégias (sempre mediadas pela ação intencional do professor), preciso exercitar o olhar para o lugar da imagem em minhas práticas pedagógicas, possibilitando a autoria e o diálogo na relação com a linguagem imagética. Certamente, ainda estou longe de encontrar uma receita e nem é esta a minha intenção, mas compartilhar estas questões e algumas práticas com outros docentes e pesquisadores é um passo fundamental para traçar alguns caminhos.

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- Escultura feita por uma criança de 6 anos, inspirada no escultor americano Bill Dan que trabalha com pedras. Após fazer sua escultura, cada criança a fotografou para compartilhar com o grupo.
- Foto tirada por uma criança de 7 anos, focando seu lugar preferido dentro da escola.

- Criança de 7 anos construindo imagens no computador para fazer uma animação de um projeto da turma.

REFERÊNCIAS

- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, mai-ago, 2002, vol. 18, n.2, p.193-202.
- OSWALD, Maria Luiza. Educação e Mídia: imagem técnica e cultura escrita. Projeto de Pesquisa, UERJ/FAPERJ, 2008, mimeo.
- ROSA, Ana Carolina P. da S. Educação, juventude e cibercultura: as tecnologias digitais na escola. Projeto de Dissertação, UERJ, 2010, mimeo.

sobre o(a) autor(a):

Profª do Ensino Fundamental da Escola Parque/RJ; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Indústria Cultural.